

I

Todos nós somos **sujeitas da história**. Temos de regressar a um estado de **corporização** para desconstruir a forma como o poder tem sido tradicionalmente orquestrado na sala de aula, negando a **subjetividade** a alguns grupos e concedendo-a a outros. Ao reconhecermos a subjetividade e os limites da identidade, perturbamos a **objectificação** que é tão necessária numa **cultura de dominação**.

bell hooks, *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom* (1994), p. 139

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado

II

O **empoderamento**, o principal objetivo da **pedagogia feminista**, envolve princípios de **democracia** e de **poder partilhado**. A pedagogia feminista desafia a visão de que a **educação** é um processo cognitivo **neutro** [...]. A educação ou funciona como um instrumento que facilita a **integração** e a **conformidade** das alunas na lógica do sistema vigente, ou se torna **“a prática da liberdade”**, ensinando homens e mulheres a lidar de forma **crítica** e **criativa** com a realidade e a aprender a participar na **transformação do seu mundo** [...]. A prática da liberdade emerge através do empoderamento, mas o modelo patriarcal negligenciou, de um modo geral, questões como o empoderamento, os sentimentos e as experiências [...].

Lynne Webb, Myria Allen & Kandi Walker
“Feminist Pedagogy: Identifying Basic Principles”, p. 68
Academic Exchange Quarterly 6 (2002)

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado

III

As designers aprendem a valorizar a **ausência de cuidado** desde cedo, quando são condicionadas a agir como **agentes neutros** que não permitem que as suas identidades ou emoções intervenham no seu trabalho. Pior ainda, na sua formação, as alunas de design são ensinadas a usar o sofrimento como um distintivo de honra, ao sofrerem **críticas violentas**, trabalharem durante noites inteiras e ao sacrificarem o seu bem-estar para satisfazer as exigências de **programas abusivos**. A cultura da indústria reforça este trauma através de **condições de trabalho precárias**, da **exploração de mão de obra não assalariada**, da **falta de transparência e responsabilização** e da adoração da “cultura hustle”. Este modo de vida e de trabalho é inerentemente incompatível com as necessidades das **pessoas marginalizadas**, como as que cuidam de pessoas ou são portadoras de deficiência, e por isso leva a que sejam excluídas da indústria logo no início das suas carreiras. Também coloca as designers umas contra as outras numa **competição constante**, perpetuando **culturas de individualidade tóxica** e deteriorando os sistemas de apoio ou de construção de comunidade.

Alison Place, “On care”, pp. 77-78
Feminist Designer: On the Personal and the Political in Design (2023)

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado